

# A NEGAÇÃO DO NEGATIVO NO PROCESSO DIALÉTICO: UMA VIOLÊNCIA AO PODER DO PENSAR NEGATIVO EM HERBERT MARCUSE

*THE DENIAL OF THE NEGATIVE DIALECTIC PROCESS: A VIOLENCE TO THE POWER OF NEGATIVE THINKING ABOUT HERBERT MARCUSE*

Evandro Pereira da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** É no exercício dialético que nos permite analisar o mundo sob sua inadequação interna ou mesmo podemos usar o termo “estabelecido efetivo”, para o qual o sujeito está envolvido no mundo. O sujeito pensante busca ações produtivas que possibilitam uma perfeita harmonia para o bom viver na sua ação efetiva, essa, apenas se dá por um instante, no tempo, presente, o agora. Mas, essa harmonia pode ser corrompida da mesma forma no instante presente, o agora, no tempo, isso, pelo *estabelecido efetivo* que pode ser compreendido como uma concepção restrita de mundo. Esta pesquisa tem como escopo abordar sobre o poder do pensar negativo, no que envolve o próprio pensamento dialético. No entanto cabe ao indivíduo a ação efetiva do negativo no pensar propriamente dialético. Em uma ordem estabelecida pode haver ações provocadas que causam a desordem, nesse meio temos a diferença que se constitui para todas as dimensões da realidade. Nesse sentido, em conclusões preliminares, a existência do *pensar dialético e o não-dialético* é provocar a diferença em uma dimensão substancial das coisas no mundo. Pensar a diferença é pensar o movimento próprio do conhecimento e da razão no mundo. E mesmo torna-se o pensar no entendimento da lógica do existente como forma estabelecida da não liberdade.

**Palavras-chave:** Pensar dialético. Estabelecido efetivo. Razão. Negativo.

**Abstract:** It is the dialectical exercise that allows us to analyze the world under its internal inadequacy or even can use the term "effectively established", for which the subject is involved in the world. The thinking subject search productive actions that allow a perfect match for the right to live in their effective action, this only occurs for a moment in time present, the now. But this harmony may be corrupted in the same way in the present moment, the now, in time, so the effective set that can be understood as a narrow conception of the world. This research is scoped address on the power of negative thinking, in that it involves the very dialectical thinking. However it is up to the individual to effective action on the negative thinking properly dialectical. In an established order can be triggered actions that cause the disorder, that means we have a difference that is for all dimensions of reality. Accordingly, in preliminary findings, the existence of dialectical thinking and non-dialectical cause is the difference in a substantial size of things in the world. Think the difference is thinking the very movement of knowledge and reason in the world. And even becomes the thinking of the understanding of the existing logic as established form of non-freedom.

**Keywords:** Thinking dialectical. Established effective. Reason. Negative.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará - UECE. E-mail: epssilva@bol.com.br. Telefone: 88-998707289.

## 1. Introdução.

É no exercício dialético que nos permite analisar o mundo sob sua inadequação interna ou mesmo podemos usar o termo “estabelecido efetivo”, para o qual o sujeito está envolvido no mundo. Nesse sentido, Herbert Marcuse diz que

O poder do pensar negativo é a força motriz do pensamento dialético, utilizado como instrumento para analisar o mundo dos fatos em termos de sua inadequação interna. Eu escolho esta formulação e não científica para apurar o contraste entre o pensar dialético e o não-dialético. Inadequação implica um juízo de valor. O pensamento dialético invalida a oposição a priori entre valor e fato, compreendendo todos os fatos como etapas de um único processo – processo em que sujeito e objeto estão tão unidos que a verdade só pode ser determinada no âmbito da totalidade sujeito-objeto. Todos os fatos incorporam tanto quem os conhece tanto quem os executa. Eles constantemente convertem o passado no presente, e os objetos, portanto ‘contêm’ subjetividade, em sua própria estrutura.<sup>2</sup>

O sujeito pensante busca ações produtivas que possibilitam uma perfeita harmonia para o bom viver na sua ação efetiva; essa, apenas se dá por um instante, no tempo, presente, o agora. Mas, essa harmonia pode ser corrompida da mesma forma no instante presente, o agora, no tempo, isso, pelo *estabelecido efetivo* que pode ser compreendido como uma concepção restrita de mundo. No entanto cabe ao indivíduo a ação efetiva do negativo no pensar propriamente dialético. Em uma ordem estabelecida pode haver ações provocadas que causam a desordem, nesse meio temos a diferença que se constitui para todas as dimensões da realidade. Nesse sentido, a existência do *pensar dialético e o não-dialético* é provocar a diferença em uma dimensão substancial das coisas no mundo.

Pensar a diferença é pensar o movimento próprio do conhecimento e da razão no mundo. E mesmo torna-se o pensar no entendimento da lógica do existente como forma estabelecida da não liberdade. Para Marcuse

Dialectical thought starts with the experience that the world is unfree; that is to say, man and nature exist in conditions of alienation; exist as ‘other than they are.’ Any mode of thought which excludes this contradiction from its logic is a faulty logic. Thought ‘corresponds’ to reality only as it transforms reality by comprehending its contradictory structure. Here the principle of dialectic drives thought beyond the limits of philosophy. For to comprehend reality means to comprehend what things reality are, and this in turn means rejecting their mere factuality. Rejection is the process of thought as well as of action. While the scientific method leads from the immediate experience of things to

---

<sup>2</sup> Tradução de Alberto Dias Gadanha do Prefácio *A note on dialectic* do livro de Herbert Marcuse *Reason and Revolution – Hegel and the rise of social theory* – Boston: Beacon Press, 1960. Da tradução brasileira *Razão e Revolução – Hegel e o advento da teoria social* RJ, Paz e Terra, 2004; não consta este prefácio, o da 2ª edição.

their mathematical-logical structure, philosophical thought leads from the immediate experience of existence to its historical structure: the principle of freedom.<sup>3</sup>

Indo a Hegel (1770-1831), atentamos a partir do livro *A Ciência da Lógica* [Wissenschaft der Logik] o complexo como objeto da Lógica, empreendendo a ideia como o sistema dos conceitos puros, onde possibilita a lógica a manifestação do entendimento. Nesta dimensão, a filosofia busca pela razão a unidade. É sob essa afirmação que empreendemos como exemplo a unidade entre o infinito e o finito, – o absoluto, para além das simples oposições do próprio entendimento.

O entendimento, no entanto, diferente da razão, uma vez que temos aqui, o entendimento que vai de encontro à representação, ao que constitui um estado finito [finitum]. Já para a razão, temos o caminho da apresentação constituindo ao sentido do infinito. Disso podemos ter uma circularidade infinita que se mantém como unidade. Trata-se de uma circularidade onde temos incidente na abstração o entendimento que possibilita as ciências particulares. E isso, por conseguinte, como forma de representação, – um estado finito [finitum]. Nesse mesmo âmbito da circularidade, ao qual mantida como unidade, temos a razão, também, em meio à abstração, o que possibilita ao caminho da filosofia.

Nesse encontro da abstração com a razão, temos a apresentação que surge infinita. Essa circularidade, que envolve tanto a subjetividade como a objetividade, incide como possibilidade de forma e conteúdo a determinar algo na natureza. O que é determinável na natureza assume pelo pensamento reflexivo uma mediação para a afirmação de algo. E, essa mediação busca na natureza uma relação, a saber, – a relação entre seu existir e sua essência. O saber e verdade, torna-se em sua estrutura uma relação de unidade, assim, como forma e conteúdo buscam uma relação com o todo. Isso, constituindo, – unum per se [Um (todo) por si]. Assim, cabe notarmos a diferença no sentido de termos a filosofia que devolve o homem para a luz do apreender buscando uma harmonia, e, a diferença disso para com o “estabelecido efetivo” que limita o homem nas suas ações de apreensão dos verdadeiros princípios, provocando a violência na sua distorção da própria realidade.

---

<sup>3</sup> Prefácio *A note on dialectic* do livro de Herbert Marcuse *Reason and Revolution – Hegel and the rise of social theory* – Boston: Beacon Press, 1960. Da tradução brasileira *Razão e Revolução – Hegel e o advento da teoria social* RJ, Paz e Terra, 2004.

[“o pensamento dialético começa com a experiência que o mundo não é livre, isto é, homem e natureza existem em condições de alienação, existem como ‘o outro do que eles são’. Qualquer tipo de pensamento que exclua tal contradição de sua lógica é uma lógica defeituosa. O pensamento ‘corresponde’ à realidade só enquanto ele transforma a realidade por compreender sua estrutura contraditória. Aqui o princípio da dialética leva o pensamento para além dos limites da filosofia. Compreender a realidade, significa compreender que as coisas realmente são, e isto, por outro lado, significa rejeitar sua mera fatalidade. Recusa é processo de pensamento quanto de ação. Enquanto o método científico vai da experiência imediata das coisas à sua estrutura lógico-matemática, o pensamento filosófico vai da experiência imediata da existência para a sua estrutura histórica: o princípio da liberdade.”]. Cf. Tradução de Alberto Dias Gadanha.

Ao tratar sobre a violência [a negação do negativo no processo dialético] não é difícil perceber o quanto ela está posta no mundo de maneira exorbitante. Isso em constante produção, provocado pelo o sujeito desprovido de razão, e, portanto, um sujeito limitado que é movido por ações advindas de ineficácias provocadas pelo “estabelecido efetivo”. Uma ineficácia provocada pelo “estabelecido efetivo” é a limitação do ato de compreender de forma válida, onde o sujeito permanece oculto em termos de produção de conhecimento.

Para a saída desse contexto é preciso que o sujeito pensante provoque substancialmente uma transformação da sua realidade envolvida pelo “estabelecido efetivo”. Essa transformação é justamente uma transposição para um novo caminho a ser seguido; este repleto de iluminação que assevera para o entendimento a possibilidade de ver e estar no mundo, de forma a reconhecer a diferença. É nesse contexto que está o filósofo, para o reconhecimento da possibilidade no mundo.

Esse reconhecimento deve se dá no intuito de não produzir a violência, pois essa está sempre surgindo da ineficácia advinda do “estabelecido efetivo” que não apresenta uma harmonia perfeitamente estabelecida. A harmonia seria perfeita se tivéssemos como isolar o mundo da violência do mundo da não violência? Tornando assim, um mundo constituído de violência e outro desprovido de violência. Mas, isso demasiadamente não nos é possível, pois categoricamente temos que nos deter virtualmente no melhor dos mundos possíveis. E esse, compreendido inclui a diferença como participante no mundo, e, com isso, não se excluem a violência e não violência. Do contrário como a diferença se estabeleceria para a compreensão da realidade? Visto que o “estabelecido efetivo” está compreendido no vasto mundo das opiniões e não nos verdadeiros princípios.

Disso, podemos dizer que não se tem uma harmonia perfeitamente estabelecida onde se predomina a limitação dos verdadeiros princípios que são capazes da produção efetiva do conhecimento. Essa se dá mediante a ação do sujeito pensante no campo do diálogo. Daí pode surgir um resgate do sujeito oculto desprovido da produção de conhecimento, onde através do diálogo temos um surgimento da diferença em que consiste em apresentar a possibilidade de se obter razão, e, portanto, um sujeito posto no mundo produtor de conhecimento.

É próprio da existência do homem no mundo envolvido em uma lógica dialética, que contrarie o “estabelecido efetivo”? A não violência? [a negação do negativo no processo dialético]. Agora pode ser justamente a relação do sujeito com o “estabelecido efetivo” a produzir a diferença para a formação da violência, de um mundo não livre. Buscando entender esse processo, Marcuse afirma que

dialectical logic is critical logic: it reveals modes and contents of thought which transcend the codified pattern of use and validation. Dialectical thought does not invent these contents; they have accrued to the notions in the long tradition of thought and action. Dialectical analysis merely assembles and reactivates them; it recovers tabooed meanings and thus appears almost as a return, or rather a conscious liberation, of the repressed! Since the established universe of discourse is that of an unfree world, dialectical thought is necessarily destructive, and whatever liberation it may bring is a liberation in thought, in theory. However, the divorce of thought from action, of theory from practice, is itself part of the unfree world. No thought and no theory can undo it; but theory may help to prepare the ground, or their possible reunion, and the ability of thought to develop a logic and language of contradiction is a prerequisite for this task.<sup>4</sup>

Agora, para esta tarefa, é preciso buscar e tornar possível um estado em que a *negação do negativo no processo dialético* (violência) não se predomine, ou seja, não tenha sustentabilidade. E, isso, deve ser reconhecido como forma de uma ação pensante no campo da possibilidade envolto ao sujeito que reconhece a violência como um problema e não a torna especificamente estável de forma predominante. Nesse sentido, a violência é demasiadamente um problema que envolve não apenas o filósofo, mas, todo aquele em que a violência pode alcançar. Assim, podemos ter um sujeito que produz a negação do negativo, um sujeito que recebe as ações provocadas pela negação e por ventura pode também produzir a negação do negativo no processo dialético, e, um sujeito pensante que observa e compreende o domínio dessa violência que envolve o poder de pensar negativo. É nesse sentido que está o filósofo com sua predominância a produzir conhecimento.

Diferentemente, um estado em que a *negação do negativo* está presente e predominante, temos um sujeito desprovido de diálogo, temos a violência. Portanto, um sujeito sem ação do pensar puramente negativo. O sujeito deve, portanto, reconhecer a violência como um problema. Esse, reconhecimento, é fundamental para nos afastarmos do domínio da ignorância.

O filósofo tem a preocupação não só com a violência em si, mas, com a causa, o ato de produzir as efetivas ações do domínio da negação do negativo (no processo dialético). E, assim, podemos comparar a está em um labirinto sem a devida saída. Permanecer nesse domínio é sempre está envolvido pela *negação do negativo no processo dialético*. A saída do labirinto é

---

<sup>4</sup> Prefácio *A note on dialectic* do livro de Herbert Marcuse *Reason and Revolution – Hegel and the rise of social theory* – Boston: Beacon Press, 1960. Da tradução brasileira *Razão e Revolução – Hegel e o advento da teoria social* RJ, Paz e Terra, 2004.

[“lógica dialética é lógica crítica: ela revela modos e conteúdos do pensamento que transcendem o padrão codificado de uso e de validação. Esses conteúdos, o pensamento dialético não os inventam: eles se ligam a conceitos elaborados durante uma longa tradição de pensamento e de ação. A análise dialética simplesmente une e reativa tais conteúdos, revela significados tabus aparecendo assim como um retorno ou até como uma liberação consciente, do reprimido! Desde que o estabelecido universo do discurso seja o de um mundo não livre, o pensamento dialético é necessariamente destrutivo, e qualquer que seja a liberação de tal discurso possa trazer é uma liberação em pensamento, em teoria. Entretanto, o divórcio entre pensamento e ação, entre teoria e prática, faz parte mesmo do mundo não livre. Nenhum pensamento e nenhuma teoria podem desfazer isto; mas a teoria pode ajudar a preparar a fundação para a sua possível reunião, e a habilidade de pensamento para desenvolver uma lógica e uma linguagem de contradição é um pré-requisito para esta tarefa.”]. Cf. Tradução de Alberto Dias Gadanha.

possível pela possibilidade da produção de conhecimento válido inserido no mundo; reconhecendo o poder do pensar negativo, permanecendo no tempo nos afastando dos domínios da ignorância. É nesse sentido que o nosso pensamento reflexivo deve ser guiado. A *negação do negativo* está sendo reproduzida no mundo por um sujeito não pensante que conduz como objeto da violência a atingir todo o estado da não violência. É então realmente um problema esta passagem de um estado de não negação do negativo no processo dialético para o de negação do negativo.

A partir do momento em que nos conduzirmos para o reconhecimento do problema dessa violência, já nos afastamos continuamente da ignorância advinda pelo “estabelecido efetivo” na sua forma e conteúdo. Ademais, o que temos como verdadeiro se apresenta de várias formas, a saber, pela experiência e reflexão, que tendem para formas finitas. O saber dessas formas finitas acarreta, para o próprio entendimento, uma conciliação com a natureza. Agora, é nessa conciliação que temos a mediação aparente, no que constitui a forma e o conteúdo [Gehalt], a relacionar na realidade o todo; este que está para além da objetividade e subjetividade, ou seja, para além das determinações objetivas do entendimento e do fenômeno.

Hegel no livro *Filosofia de la logica y de la naturaleza* (De Enciclopedia de las Ciencias Filosóficas), aborda sobre o seguinte conceito de natureza:

la Naturaleza ha sido determinada como la idea en la forma del ser-otro (Anderssein). Como la idea es, de este modo, la negación de sí misma y exterior a sí, la Naturaleza no es exterior sólo relativamente respecto a la idea (y respecto a la existencia subjetiva de la idea, el espíritu), sino que la exterioridad constituye la determinación, en la cual ella es como naturaleza.<sup>5</sup>

Na natureza as exterioridades das formas carecem do conceito de si mesma e, isso sob a evidência da subjetividade livre em manifestar a forma como acidente. Livre, as representações das formas se dirigem para a representação da natureza em todos os momentos da existência [Existenz].

A natureza ao manifestar sua existência [Existenz], manifesta a sua exterioridade no imediato, na finitude. De modo que toda finitude advém de algo expresso na natureza. “Sólo a aquella conciencia que es, desde luego, ella misma exterior y, por consiguiente, inmediata, esto es, a la conciencia sensible, se le parece la naturaleza como lo primero, lo inmediato, como lo que es.”<sup>6</sup> O homem sob sua experiência sensível, manifesta sua relação prática com a natureza; uma manifestação imanente frente o imediato e ao exterior. Dessa manifestação, temos para as

---

<sup>5</sup> Cf. Hegel, 1969, p. 188.

<sup>6</sup> Cf. Hegel, 1969, p. 189.

expressões das coisas na natureza um estado de finitude que não se encerra em si mesmo, por conseguinte, a natureza não contém um fim absoluto em si mesmo. As coisas finitas admitem na natureza diante da subjetividade uma aproximação ao conceito de algo a ser objeto de expressão na natureza. O finito torna-se a expressão na natureza, a aproximar forma e conteúdo do todo.

O todo já empreende o finito e o infinito para além da subjetividade e objetividade constituindo a Ideia absoluta. Em uma mediação entre o infinito [Unendlich] e o finito [Endlich] temos uma síntese a conciliar o espírito como o retorno da ideia desdobrável em si mesma. Indo a Marcuse, esse nos indaga,

now what. (or who) is this subjectivity that, in a literal sense, constitutes the objective world? Hegel answers with a series of terms denoting the subject in its various manifestations: Thought, Reason, Spirit, Idea. Since we no longer have that fluent access to these concepts which the eighteenth and nineteenth centuries still had, I shall try to sketch Hegel's conception in more familiar terms: Nothing is 'real' which does not sustain itself in existence, in a life-and-death struggle with the situations and conditions of its existence. The struggle may be blind or even unconscious, as in inorganic matter; it may be conscious and concerted, such as the struggle of mankind with its own conditions and with those of nature. Reality is the constantly renewed result of the process of existence – the process, conscious or unconscious in which 'that which is' becomes 'other than itself'; and identity is only the continuous negation of inadequate existence, the subject maintaining itself in being other than itself. Each reality, therefore, is a realization – a development of 'subjectivity.' The latter comes to itself in history, where the development has a rational content; Hegel defines it as 'progress in the consciousness of freedom.'<sup>7</sup>

Assim, nos é notório entender que a natureza por sua vez constitui o elemento de exteriorização da ideia empreendidos no espaço [Raum] e no tempo [Zeit]. O conceito instituído na subjetividade torna o imediato abstrato apreendido em sua verdade a partir da superação da mediação. Por outro lado, o conceito abre o caminho da liberdade. Nessa liberdade temos a possibilidade da objetividade do imediato abstrato a ser mediado, por assim dizer, da objetividade advinda do infinito. Dessa objetividade sucedida do infinito toma posse a substância possibilitando como elemento a identidade em si e para si existente. As determinações do finito

<sup>7</sup> Prefácio *A note on dialectic* do livro de Herbert Marcuse *Reason and Revolution – Hegel and the rise of social theory* – Boston: Beacon Press, 1960. Da tradução brasileira *Razão e Revolução – Hegel e o advento da teoria social* RJ, Paz e Terra, 2004.

[“agora o que (ou quem) é esta subjetividade [que, em sentido literal, constitui o mundo objetivo? Hegel responde recorrendo a uma série de termos que denotam o sujeito em suas várias manifestações: pensamento, razão, espírito, ideia. Como nós não temos mais tido o fluente acesso a tais conceitos que os séculos XVIII e XIX tiveram, tentarei esboçar a concepção de Hegel em termos mais familiares: nada é ‘real’, a não ser, que não se sustente na existência, na luta de vida e morte com situações e condições de sua existência. A luta pode ser cega ou mesmo inconsciente como no reino inorgânico, pode ser consciente e ajustada como na luta da humanidade com suas próprias condições e com as da natureza. Realidade é o resultado constantemente renovado do processo de existência – o processo, consciente ou inconsciente em que “o que é” torna-se “o outro de si”. A identidade é apenas a negação contínua de existência inadequada, o sujeito mantendo-se sendo o outro de si mesmo. Qualquer realidade é, portanto, uma realização – um desenvolvimento de “subjetividade”. Esta subjetividade “chega a si” na história; onde o desenvolvimento tem um conteúdo racional, definido por Hegel, como “progresso na consciência da liberdade”]. Cf. Tradução de Alberto Dias Gadanha.

[Endlich] se desdobram da relação do infinito [Unendlich] em mediação a constituir-se no espaço e no tempo ao modo de uma unidade.

A unidade em que possibilita ao entendimento não uma oposição, pois já pressupõe uma mediação onde o ser-em-si-e-para-si, constituem o ser imediato. O infinito empreende uma relação de si mesmo de determinidade absoluta, no entanto, empreende em si mesmo uma relação de determinidade simples. O infinito, nessa determinação de si mesmo que compreende o absoluto e o simples, enquanto mediações tornam-se igualmente a negação da própria determinidade. Assim, cada determinidade como negação de si mesma constitui a unidade. O infinito [Unendlich] determina em si mesmo a negação do finito, mas em mediação de si mesmo, contém o finito [Endlich] em si; ou seja, a unidade entre o infinito e o finito, empreende que cada um deles contém a determinação do outro em si.

Outrossim, é necessário um exercício reflexivo constante no processo dialético. Não obstante, na esfera da educação temos um sujeito pautado no conhecimento, onde podemos dizer que há um sujeito reflexivo. Nesse sentido, temos que tanto para o filósofo como para o sujeito que se afasta do *estabelecido efetivo*, temos um movimento que se inicia pela reflexão, onde o pensamento está voltado sobre si mesmo, ou seja, tem-se a capacidade do intelecto do ser humano para conhecer e obter de forma demonstrativa a verdade dos conhecimentos.

Assim, temos um sujeito inserido no conhecimento reflexivo sobre si, ou seja, com consciência de sua capacidade de conhecer. Nesse movimento temos a capacidade do indivíduo voltado para a ação de produção de conhecimento. Essa ação, de início podemos dizer que se efetiva pela linguagem.

Sobre a linguagem, esta nos conduz ao falar das coisas postas no mundo, ou seja, sempre estabelecemos relações entre um sujeito e um atributo. Nesse sentido, o homem esta no mundo e busca informações para conhecer a realidade que o cerca, e ao mesmo tempo busca entender o resultado da relação que ele estabelece com essa realidade, tornando a realidade inteligível. Mas, para compreender essa realidade, ou seja, tornar a realidade inteligível, o homem se utiliza da linguagem como instrumento que proporciona conhecer, pois interpreta a realidade e descreve o mundo. A linguagem é um instrumento inesgotável de multiplicidade de valores para o qual o homem modela seu pensamento, sua vontade e seus atos, graças ao qual ele influencia e é influenciado, constituindo uma base plena, fundamental da sociedade humana.

A linguagem é, pois, um recurso indispensável do homem que nos acompanha inseparavelmente através da vida, mas a linguagem não é um simples acompanhante, e, sim ativadora da imaginação dos indivíduos, possibilitado a comunicação facilitando parte de um processo social que se transforma no cenário humano construindo a cultura, o educar. A



educação nos possibilita pelo diálogo e pela ação voltada para a produção de conhecimento, conseguimos descobrir nossa ignorância e aprender com a diferença posta no mundo. Agora, é preciso está atento quando pela sedução das palavras advindas pelo domínio do *estabelecido efetivo*. Esse pode dissimular ou ocultar a verdade sob as palavras, dando outro sentido para a realidade do mundo. Para isso, não devemos aceitar, fascinados com o que vimos ou lemos, sem que indaguemos se tais palavras são verdadeiras ou falsas.

O domínio da *negação do negativo no processo dialético* se entrelaça no espaço e no tempo a persistirem no mundo. Mas, o porquê que isso permanece? Alguém pode nos dizer que somos maus por natureza, mas, podemos dizer que no tempo efetivo, nas possibilidades sejamos educados para nos conduzir para uma harmonia no melhor dos mundos possíveis. No mundo está a diferença, portanto, no mundo contém as possibilidades. Precisamos nos educar, sair do domínio do estabelecido efetivo. Agora o primeiro passo é conhecer esse domínio. Esse, em que as pessoas criam expectativas que a negação do negativo aconteça, quando não ocorre, isso causa uma frustração. As possibilidades de sair desse movimento envolto pelo *estabelecido efetivo* existem; processos educativos existem (pela linguagem, educação).

Devemos ter um diálogo à discussão não no sentido de confronto violento onde se está pelo domínio em que o *estabelecido efetivo* faz permanecer. Esse domínio é uma circularidade aonde as opiniões vão de encontro às outras opiniões que parecem ser verdades, mas que de fato não passam de ilusões. Ao rigor essas ilusões permanecem para a ação que limitam a capacidade para o entendimento onde o indivíduo não se reconhece, tão pouco as circunstâncias que o resgate para a formação de um verdadeiro discurso.

O verdadeiro discurso acompanha o afastamento do meio do *estabelecido efetivo*. E, isso pode ser possível pela educação em uma ação produtiva de conhecimento. Na ação de produção de conhecimento, a filosofia devolve o homem para a luz do apreender um universal verídico. Ademais,

o universal verídico, infinito, que é imediatamente tanto particularidade como singularidade em si mesmo, tem de ser inicialmente observado de modo mais preciso como *particularidade*. Ele se determina livremente; sua finitização não é uma passagem que apenas tem lugar na esfera do ser; *ele é poder criador* como a negatividade absoluta que se refere a si mesma.<sup>8</sup>

A unidade entre o infinito e o finito se insere ao conceito de sigo mesmo como uma qualidade que se efetiva ao sentido mais determinado do conceito subjetivo e da objetividade. A unidade rompe com a oposição em que o entendimento assume a determinidade do infinito e a

---

<sup>8</sup> Cf. Hegel, 2011, p. 209

determinidade do finito. E nesse rompimento é livre a mediação que busca o universal e, se determina livremente a uma relação de pura Ideia. O infinito constitui para si a pressuposição do finito, tornam-se uma relação de absoluto de si mesmo, empreendidos no espaço e no tempo. O infinito se nega a si mesmo, essa negatividade expõe o finito que se nega a si mesmo, por conseguinte, temos a afirmação do próprio infinito. A afirmação do infinito tem por base a negação do finito e, isso consiste em um processo de está junto de si mesmo, pressupõe em unidade.

\*\*\*\*\*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BELAVAL, Yvon. **Historia de la Filosofía; La filosofía alemana de Leibniz a Hegel**. V. 7. Buenos Aires: Siglo xxi de Argentina Editores, 2002.

GADANHA, Alberto Dias. Tradução do Prefácio *A note on dialectic* do livro de Herbert Marcuse *Reason and Revolution – Hegel and the rise of social theory* – Boston: Beacon Press, 1960. Da tradução brasileira *Razão e Revolução – Hegel e o advento da teoria social* RJ, Paz e Terra, 2004.

HEGEL, G. W. F. **Filosofia de la lógica y de la natureza ( De Enciclopedia de las Ciencias Filosóficas)**. Traducción del alemán por E. Ovejero y Maury. Buenos Aires, Editorial Claridad, 1969.

HEGEL, G. W. F. **Ciência da lógica (Excertos)**. Seleção e tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo, Barcarolla, 2011.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. 5ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_ **Contra revolução e revolta**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_ **Eros e Civilização**. 8ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_ **Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_ **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. São Paulo: Unesp, 1998.

MUMFORD, L. **Technics and Civilization**. New York, 1934.